

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 1-16. ISSN: 1808-8031

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v18i31.785>

FOUCAULT E A PASTORAL DA CONFISSÃO: o ato de se confessar no governo cristão das almas e a punição para cada pecado segundo o *Decretum* (1000-1025), por Burcardo de Worms¹

FOUCAULT AND THE PASTORAL OF THE CONFESSION: the act of confession in the Christian government of souls and the punishment for each sin according to the *Decretum* (1000-1025) by Burchard of Worms

FOUCAULT Y LA PASTORAL DE LA CONFESIÓN: el acto de confesión en el gobierno cristiano de las almas y el castigo por cada pecado según el Decreto (1000-1025), de Burcardo de Worms

PABLO GATT

Doutorando em História / Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória, Espírito Santo, Brasil

gattpablo@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir o que o filósofo e historiador das ideias, Michel Foucault (1926-198), compreendeu pelo termo pastoral da confissão, buscando no contexto dos primeiros séculos da era cristã e da Idade Média entender como eram realizadas as práticas de confissões. Do mesmo modo, analisaremos mediante a obra *Decretum* (1000-1025), de Burcardo de Worms, como eram estipuladas as punições para cada pecado cometido, visto que no discurso da Igreja e no imaginário da sociedade medieval as penas variavam de acordo com a gravidade do ato pecaminoso, sendo que pelo cumprimento dessas punições o indivíduo pecador estaria no caminho para a salvação da sua alma.

Palavras-chave: Pecado. Confissão. Michel Foucault.

Abstract: The article in question aims to discuss what the philosopher and historian of ideas, Michel Foucault (1926-198), understood by the pastoral term of confession, investigating from the context of the early centuries of the Christian era and the Middle Ages to understand how the practices of confession were carried out. In the same way, we will analyze through the *Decretum* (1000-1025), by Burchard of Worms, how the punishments were stipulated for each sin committed, since, in the discourse of the Church and in the imaginary of medieval society, the punishments varied according to the gravity of the sinful act, and, by the fulfillment of these punishments, the individual sinner would be on the road to the salvation of their soul.

Keywords: Sin. Confession. Michel Foucault.

Resumen: El artículo en cuestión tiene como objetivo discutir lo que el filósofo e historiador de las ideas, Michel Foucault (1926-198), entendió por el término pastoral de la confesión, buscando en el contexto de los primeros siglos de la era cristiana y la Edad Media entender cómo se llevaban a cabo las prácticas de la confesión. De la misma manera, analizaremos a través de la obra *Decretum* (1000-1025), de Burcardo de Worms, cómo se estipulaban los castigos por cada pecado cometido, ya que en el discurso de la Iglesia y en el imaginario de la sociedad medieval los castigos variaban según la gravedad del acto pecaminoso, y por el cumplimiento de estos castigos el pecador individual estaría en el camino de la salvación de su alma.

Palabras clave: Pecado. Confesión. Michel Foucault.

¹ Artigo submetido à avaliação em agosto de 2020 e aprovado para publicação em dezembro de 2020.

Introdução

Pela doutrina de Tomás de Aquino entendemos que, mediante ao Pecado Original², ocorreu no homem³ a privação da justiça original, causando uma desordem nas potências da alma e o afastamento do indivíduo perante à ordem de Deus. Uma vez que esse pecado tem como consequência a vontade carnal desenfreada, que também está presente nos descendentes de Adão (ST, I-II, q. 82, a. 3), o homem passou a estar sujeito aos ditames da carne pecadora. Essa vontade carnal ultrapassou as faculdades da razão, não está mais assegurada pela justiça original (ST, I-II, q. 73, a. 3)⁴. Nesse sentido, quando os homens se encontram distantes da justiça original de e da razão divina, os mesmos, estão sujeitos às práticas de pecado.

Como forma de contenção dessa sexualidade desenfreada presente na carne do homem, temos, em um primeiro momento com a filosofia estoica⁵, o desenvolvimento de um aparato moral pautado no exame de si⁶. Nesse quadro de corrupção da natureza humana, perante à carne pecadora, o Cristianismo adotou essa ideia, visto as inúmeras visões acerca do corpo. Responsável pela divulgação do exame de si, a religião cristã impulsionou uma codificação moralizada do ato sexual, posto que na época clássica a verdade não se

² As consequências negativas do Pecado Original de Adão e Eva são descritas no *Livro de Gênesis 3, 14-24*: logo após ambos comerem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. “À mulher, Ele declarou: multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos. Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará.”(*Gênesis 3, 16*).

³ Para fins desse trabalho, referimo-nos aqui, sempre que citada a palavra *homem* e afins, à criatura de Deus, segundo a antropologia cristã medieval e de acordo com Jacques Le Goff em sua obra *O homem medieval*, de 1989. A palavra *indivíduo* usada para representar o homem da Idade Média, neste trabalho, refere-se ao *Homo Viator*, seguindo a “antropologia teológica” medieval. É um homem que, através das representações cristãs, dá sentido e ordem ao mundo.

⁴ TOMÁS DE AQUINO. *Summa Theologiae*. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.

⁵ Referimo-nos aqui ao pensamento acalentado pelos *rhetores* romanos do final da República, como Cícero, e do período do Principado, sobretudo Sêneca e Quintiliano, cultores da terceira geração dos postulados da filosofia helenística outrora fundada por Zenão de Cício (c. 300 a.C.), coetâneos a um processo de intensa helenização dos *optimates* romanos, desde a vitória de Roma sobre as cidades gregas e sua anexação à República Romana em 146 a.C. Para Foucault o estoicismo tardo-antigo foi a filosofia que estimulou a prática do controle de si, que do mesmo modo foi a responsável pela propagação do exame de si pautado em um autocontrole. Nessa perspectiva, apropriando-se da moral estoica, no Medievo o Cristianismo em seus discursos propagou que o sexo deveria ser vigiado pelo homem no que concerne ao seu prazer, sempre observando os desejos pulsantes da carne pecadora. Ver mais em: MAZIOLI, Anny Barcelos. *Corpo, sexo e poder no Livro das Confissões de Martin Pérez*. Vitória: Editora Milfontes, 2019. p. 103.

⁶ O exame de si compreende uma vida pautada na prática incessante do cuidado e vigilância de si, tanto aos atos praticados, pensados e até mesmo ao que se deixou de fazer. É uma prática que remonta à Sócrates, que ressalta que uma vida sem o exame de si não é digna de ser vivida. Esse exame de si, proposto por Michel Foucault, é inacabado, posto que no imaginário do Medievo a qualquer momento o homem pode pecar e nesse sentido a “prática abrange a meditação sobre o dia que passou e a permanente vigilância sobre si mesmo”. CANDIOTTO, Cesar. Governo e direção de consciência em Foucault. *Revista Natureza Humana*, v. 10, n. 2, 2008.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 1-16. ISSN: 1808-8031

encontrava na prática do sexo. Nesse sentido, a “Idade média tinha organizado, sobre o tema da carne e da prática da confissão, com um discurso estreitamente unitário”⁷.

Em vista dessa corrupção da natureza humana, neste artigo discutiremos as particularidades do exame de si, assim como a importância da confissão para o expurgo dos pecados e para a salvação da alma. Analisaremos na obra *Decretum* (1000-1025), de Burcardo de Worms, como eram estipuladas as penitências, dadas no momento da confissão, para cada tipo de pecado cometido pelo indivíduo cristão. A carne, agora vista como pecadora, necessitará se tornar verbo para externar a verdade, sendo que verbalizada e excedida através da prática da confissão transparecerá o verdadeiro desejo da concupiscência carnal. Ademais, esse desejo desenfreado é entendido como uma consequência do Pecado Original de Adão e Eva, estando presente no interior do homem, na medida em que “o mundo feudal estava profundamente marcado pela hegemonia e pelo controle eclesiástico que influenciava as relações sociais, os valores culturais e as formas de exercício dos poderes políticos”⁸.

Das diversas pastorais da confissão ao apogeu da confissão cristã na Idade Média Central

O exercício de vigilância constante, elemento que esteve presente na pastoral da confissão cristã, consolidou regras e condutas sociais que limitaram as circunstâncias, os pensamentos, as ações e as falas dos indivíduos tardo-antigos e do Medievalo⁹. Essas restrições sobre determinados assuntos e ações foram legitimadas por meio do poder discursivo provindo da Igreja¹⁰, que procurou estabelecer um modelo, um *ethos* cristão a ser seguido. Nesse sentido, o poder, a hierarquia e a Instituição religiosa de caráter reguladora não estavam consolidados anteriormente ao Pecado Original. Foram elementos que precisaram ser

⁷ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade do saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p. 37.

⁸ WOLKMER, Antonio Carlos. O pensamento político medieval: Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino. *Revista Crítica Jurídica*, n. 19, p. 15-31, jul./dez. 2001.

⁹ O período que conhecemos como Idade Média foi o tempo do advento do Cristianismo. O termo Idade Média é uma rotulação *a posteriori* ao próprio período. O conceito carrega em si um teor preconceituoso e de desprezo, fora criado no século XVI, como negação ao período e reforçado, no século XVII, pelo francês Charles Fresne Du Cange e pelo alemão Christoph Keller. Usamos neste trabalho como temporalidade a duração de cerca de um milênio (séc. V-XV) para toda vez que aparecer a expressão *Idade Média* ou *período medieval*, entretanto, qualquer que fosse o fim do período, aconteceria devido à Parusia do ponto de vista das representações cristãs. Para mais informações consultar a obra de Hilário Franco Júnior, *Idade Média: Nascimento do Ocidente* (2001).

¹⁰ Embora compreendamos a pluralidade dos discursos religiosos da Igreja cristã, uma vez que múltiplos em seu processo de estruturação nos primeiros séculos, referimo-nos à Instituição religiosa como “um bloco de poder regido por regras burocratizadas, distribuído como uma hierarquia clerical que se apresentaria como um “corpo piramidal de funcionários”, nicho de uma relação formalista entre norma e sociedade, vértice de relações de poderes monopolizadas por uma autoridade que serviria a uma vontade centralizadora.” Ver em: RUST, Leandro; CASTANHO, Gabriel. A Igreja como passado: um prologo historiográfico. *Veredas da História*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 9-21, 2017. p. 17.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 1-16. ISSN: 1808-8031

colocados em prática devido à queda de Adão e Eva, sendo ambos os responsáveis pelo surgimento da necessidade de regulamentação dos atos e dos pensamentos impuros.

Os discursos¹¹ religiosos desde os Padres da Igreja até a Idade Média Central propagaram a superioridade que dispunha Adão anteriormente ao Pecado Original, uma vez que, posteriormente ao ato, ambos passaram a estar designados, juntos com seus descendentes, aos pesares e às mazelas do cotidiano¹². Esse interdiscurso¹³, além de ser uma prática social, foi objeto interno de desejo e de luta, sendo que dele eclodem sistemas de dominações. Esses sistemas de dominações estão presentes nas práticas discursivas e garantem às parcelas que se encontram no poder, o comando da exclusão dos grupos que consideram opostos, ou seja, daqueles que não seguem o discurso que é pregado. Esses sistemas de dominações foram objetos de luta, pois deles demandavam poder e controle. É uma luta interna pautada entre a razão e a loucura, como por exemplo, o louco ou o pecador na Idade Média. Exemplificação dessa exclusão foi o moleiro da região de Friuli, Menocchio, ao difundir ideias contrárias às Sagradas Escrituras, tais como a forjada criação do mundo ou a falsa virgindade do mito mariano. Além dessas ideias defendidas pelo moleiro, ele criticava os ricos que se escondiam atrás da língua latina e eram defendidos pela Igreja. Como a própria função do discurso é a exclusão daquilo que o afronta, Menocchio acabou sendo condenado à morte ao ser queimado vivo no ano de 1599¹⁴.

Para entendermos a pastoral da confissão, e posteriormente a prática do cuidado de si, estudaremos inicialmente os escritos de Michel Foucault que, em seu curso *Segurança, território e população*¹⁵, ministrado no *Collège de France* entre os anos de 1977 e 1978, procurou ver no cerne da vivência cristã e no modelo de governabilidade medieval das almas o que será chamado posteriormente de governo dos homens. Foucault argumenta que o conceito de poder pastoral tem seu surgimento no Egito antigo, quando o rei assume o dever de pastor e de guia de toda sociedade. Entre os hebreus o único pastor dos homens é o seu Deus, assim como para os gregos, pois o ato de governar na Grécia antiga estava direcionado

¹¹ O *discurso* é uma rede de signos, ou seja, são ideias transmitidas por discursos anteriores que se conectam com outros discursos. Como uma rede de signos, esse discurso transmite ideias já defendidas anteriormente e que, por sua vez, se conectam com discursos posteriores, assim como fora propagada a mácula da concupiscência do Pecado Original de Adão e Eva por Agostinho de Hipona e quase dez séculos depois por Tomás de Aquino. Ver mais em: FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1970. p. 50.

¹² TOMÁS DE AQUINO. *Summa Theologiae*. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.

¹³ O *Interdiscurso* é um conceito teórico metodológico cunhado pela *Análise do Discurso*, caracterizado pela *interdiscursividade*. É um conjunto de discursos que mantém uma relação de atravessamento multiforme com outros discursos. CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 286.

¹⁴ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1976. p. 20.

¹⁵ FOUCAULT, Michel. *Segurança, território e política: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 1-16. ISSN: 1808-8031

para o ambiente cidadão, para o bem comum, social e coletivo. O caráter de governo individual se desenvolverá no período Medieval, na medida em que individualmente cada servo buscará salvar sua alma.

Para Foucault, o governo cristão é um governo que assume a característica de regente das almas que tem, como fim único, a salvação eterna das almas de seus fiéis. O Cristianismo, nos primeiros séculos, definirá ainda na Roma antiga um poder pautado na autoridade do líder, em que o pastor aparecerá como o responsável por zelar, ouvir e direcionar todo o seu rebanho, pois, assim como Cristo, os responsáveis pelos rebanhos deverão morrer por ele. Essa associação do pastor como líder e condutor do rebanho desenvolverá um mecanismo de poder utilizado durante a história da sexualidade e, principalmente, na Idade Média, denominado de pastorado cristão.

O pastorado cristão, ao contrário é uma forma de poder que, pegando o problema da salvação em sua temática geral, vai introduzir no interior dessa relação global toda uma economia, toda uma técnica de circulação, de transferência, de inversão dos méritos, e é isso que é seu ponto fundamental¹⁶.

Michel Foucault concluiu, mediante ao seu curso, que o pastorado antigo esteve pautado em uma submissão perante ao cumprimento de uma lei ou à mandamento divino, que aflorou a necessidade da confissão e da verbalização das faltas cometidas pelo rebanho ao pastor, visto que a “pastoral cristã inscreveu, como dever fundamental, a tarefa de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo interminável da palavra”¹⁷.

O cristão deve confessar incessantemente tudo o que se passa nele a alguém que estará encarregado de dirigir a sua consciência, e essa confissão exaustiva vai produzir de algum modo uma verdade, que não era conhecida certamente pelo pastor, mas que tampouco era conhecida pelo próprio sujeito; é essa verdade obtida pelo exame de consciência, sua confissão, essa produção de verdade que se desenvolve durante a direção da consciência, a direção das almas que irá, de qualquer modo, constituir a ligação permanente do pastor com o seu rebanho e com cada um dos membros de seu rebanho. A verdade, a produção de verdade interior, a produção da verdade subjetiva é um elemento fundamental no exercício do pastor¹⁸.

Nesse modelo compreendido pelas leituras de Foucault, a verdade aparecerá mediante à prática contínua da confissão e na verbalização dos pecados realizados para o pastor. Na Idade Média o pastor será chamado de confessor e só por meio da confissão poderá redirecionar seus fiéis para o caminho certo, o caminho do fim último, da salvação, cabendo a

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *Segurança, território e política*: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 241-242.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*: a vontade do saber. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p. 23.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. Sexualidade e poder: conferência na Universidade de Tóquio, 1978. In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos*. Trad. Elisa Monteiro e Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. v. 5, p. 56-76.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 1-16. ISSN: 1808-8031

decisão da salvação apenas às mãos do Criador. O pastor tem por função certificar que todos cumpram os mecanismos de confissão, no intuito do direcionamento correto as almas. Nesse sentido, no esquema da pastoral cristã medieval o fiel:

É aquele que é dirigido e deve aceitar, deve obedecer, no interior do mesmo dessa relação individual, e por ser uma relação individual. O Cristão se põe nas mãos do seu pastor para as coisas espirituais, mas também para as coisas materiais e para a vida cotidiana¹⁹.

Esse poder pastoral teve efeitos diretos nas vidas dos indivíduos tardo-antigos e medievais, foi uma intervenção que abrangeu os bens, a moral e as ações do rebanho. Com a ascensão dos bispos e de pastores, juntamente, ocorreu um processo de hierarquização que, por meio da divisão sexual, elevou a masculinidade e inferiorizou a figura feminina.

O governo dos homens, que se iniciou com o advento do Cristianismo, esteve pautado em um modelo de governabilidade cristã que inseriu maneiras de conduzir e governar, sendo a obediência ao pastor o princípio da renúncia de si, como uma submissão a outrem, favorecendo a instauração de práticas e de discursos de efeitos de verdade em meio ao social. Esse governo também possuiu o poder de determinar identidades e formalizar alteridades aos indivíduos ou aos grupos, na medida em que os mesmos não seguíam o discurso propagado pelo poder religioso cristão.

Desde a Idade Média, o Cristianismo se empenhou em analisar os elementos do desejo porque via nele o prenúncio do pecado. Nesse sentido, liberar o desejo pode evocar o ato de decifrar o inconsciente, olhar para dentro de si e dizer, tal como a confissão fazia, quem era o sujeito desejante²⁰.

Michel Foucault, entre os anos de 1979 e 1980, ao ministrar o curso intitulado de *Du Gouvernement des Vivants*²¹, também no *Collège de France*, tinha como objetivo analisar a evolução das práticas penitenciais propostas pelo Cristianismo e a história dos regimes de verdade. Para Foucault, o curso tinha como intuito compreender como os regimes de verdade, juntamente com as confissões, articulavam as práticas penitenciais à falta cometida pelos homens, dado que quem fala se insere num jogo de exame de si. No que tange à salvação, como objetivo final, o curso proposto por Foucault buscou analisar no regime de verdade²²

¹⁹ FOUCAULT, Michel. *Segurança, território e política*: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 232.

²⁰ CALÇADO, Thiago. *A carne se fez verbo*: confissão cristã e sexualidade em Michel Foucault. 2015. 183f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2015.

²¹ FOUCAULT, Michel. *Du Gouvernement des Vivants*. Paris: Hautes Études: Ehes Gallimard Seuil, 2012.

²² O regime de verdade proposto por Michel Foucault está ligado às práticas de governo que concernem os ditames da sexualidade e da alma. Nesse regime de verdade estão contidos os discursos acerca da verdade, como um conjunto de regras que estabelecem o que é verdadeiro ou falso, ao conceder ao verdadeiro efeitos de poder. Nesse sentido, cada sociedade tem o seu regime de verdade. No Medieval, esse regime de verdade marca no real

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 1-16. ISSN: 1808-8031

como o pecador passou a ser submisso à um poder discursivo emanado pela Instituição religiosa e a um exame de si autônomo à sua análise.

No regime de verdade encontramos a “hermenêutica do eu”, sendo que o método se expandiu de maneiras distintas. Até os primórdios do século V, na Grécia antiga, contamos com um exame de si provisório, pautado na ordem moral estoica, em que há um nivelamento do saber. Nesse modelo, uma vez que aprendido os códigos corretos de condutas de vida, o aprendiz encontra-se apto a se tornar mestre. Posteriormente temos o modelo de exame de si cristão, que é permanente e sem nivelamentos, pautado pela *discretio*²³. Nesse exame de si, o monge ou o pecador podem cair em tentação em qualquer momento, se fazendo necessário a vigilância por outrem no caminho de reinserção à comunidade cristã. Nesse sentido, com o advento do Cristianismo, a verdade sobre si é transferida de forma progressiva para outrem, que é o responsável pela escuta das faltas cometidas e por mostrar os caminhos de volta à comunidade cristã.

Nessa analogia o regime de verdade sobre si passou por três momentos distintos, a saber: pela dimensão verbal, pela dimensão jurídica e pela dimensão dramática, no momento da penitência. Essas três etapas de evolução, que ocorrem no exame de si, transitaram, primeiramente, entre a *expositivo casus* (em que o pecador verbaliza a sua condição de errôneo), em seguida, a *confessio* (em que o mesmo reconhece as penas atribuídas ao seu ato pecaminoso), e, por fim, na *exomologese* (em que o pecador gesticula, sofre e demonstra publicamente o desejo de se reintegrar ao meio cristão). Para Foucault é no final do século IV que a *expositivo casus* substituirá todos os outros dois modelos pelo ato de falar, englobando todas as outras práticas penitencias apenas pela verbalização dos pecados²⁴.

Em 1981, ainda no *Collège de France*, Michel Foucault ministrou o curso intitulado de *Subjectivité et vérité*²⁵, procurando olhar como o indivíduo, visto como ator de uma atividade sexual, esteve permeado pelas práticas discursivas. Foucault compreende que na Roma antiga prevaleceu uma conduta sexual, em que os atos contrários ao esperado pela norma se refletiriam diretamente no corpo social, nas atividades desempenhadas pelo indivíduo e na comunidade como um todo. Posteriormente, com o advento da filosofia

o que não existe, como por exemplo a sexualidade, formando um domínio de práticas reais. ADINOLFI, Valéria. Discurso científico, poder e verdade. *Revista Aulas*, n. 3, p. 1-10, 2007.

²³ É o exame-reconhecimento realizado pelo homem caído em pecado no momento da confissão.

²⁴ CALÇADO, Thiago. *A carne se fez verbo: confissão cristã e sexualidade* em Michel Foucault. 2015. 183f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontífica Universidade Católica, São Paulo, 2015.

²⁵ FOUCAULT, Michel. *Subjectivité et vérité*. Curso dado no Collège de France (1980-1981). Paris: Hautes Études: Ehes Gallimard Seuil, 2014.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 1-16. ISSN: 1808-8031

estoica, essa conduta sexual desloca-se do social e passar a estar vinculada ao “eu”, com o controle do prazer sexual e a real necessidade do homem.

O ponto em questão é como o Cristianismo insere no homem a ideia de uma continuidade sexual, em que o desejo desenfreado está presente em cada uma de suas ações e que, como consequência do Pecado Original, necessita ser vigiado interiormente e constantemente. É mediante a esse processo interrompido de vigilância que a verdade sobre si passará pelo olhar do próprio indivíduo e será excedida por meio da confissão a outrem, ao confessor.

Mas, e talvez esteja aí a diferença mais importante, aí onde sem dúvida a elaboração pelo pensamento cristão vai tomar seu papel principal – esta sexualidade é pensada num tipo de continuidade com a relação social, de sorte que relação social e relação sexual são realidades do mesmo tipo, da mesma categoria e revelam uma ética absolutamente contínua. O social e o sexual não estão distintos. Ter uma boa sexualidade é ter uma sexualidade socialmente reconhecida²⁶.

O Cristianismo divulga o ideal estoico de necessidade da obediência ao alegar que na prática de exame de si autônoma, presente Grécia antiga, o examinado não pode distinguir se está verbalizando suas palavras ou as intenções propostas pelo Diabo, sendo que a presença do mal foi constante na vida do indivíduo antigo (ST, I, q. 48, a. 2)²⁷.

Semelhantemente, o apetite sensitivo fica predisposto a certas paixões por um determinado movimento do coração e dos espíritos; e para isso também o diabo pode cooperar. E sendo provocadas certas paixões do apetite sensitivo, percebemos mais acentuadamente o movimento ou intenção sensível, reduzido, do modo sobre-dito, ao princípio apreensivo. Pois, como o Filósofo diz no mesmo livro, os amantes são levados, por qualquer fraca imagem, à apreensão da coisa amada. E também sucede que, provocada a paixão, julguemos dever buscar o objeto proposto à imaginação. Porque a quem é presa da paixão parece-lhe bem aquilo a que ela o inclina. E deste modo o diabo induz interiormente ao pecado (ST, I-II, q. 80, a. 2)²⁸.

O Cristianismo, do mesmo modo, é o responsável por promover a divulgação da moral estoica, em que o homem precisa ser vigilante a todo momento perante ao que ele pratica, emergindo o nexa entre o eixo morte-verdade-sexo, organizado sob a luz da religião cristã. Nesse sentido, o “cristianismo propôs um novo modelo de concepção de si como ser

²⁶ Ver no original: “*Mais – et c’est peut-être là la différence la plus importante, là où sans doute l’élaboration par pensée chrétienne va jouer le principal rôle – cette sexualité est pensée dans une sorte de continuité avec le rapport social, de sorte que rapport social et rapport sexuel sont réalités de même type, de même catégorie, relèvent d’une éthique absolument continue. Le social et sexual ne sont pas distingués. Avoir une bonne sexualité, c’est avoir une sexualité socialement reconnue.*” FOUCAULT, Michel. *Subjectivité et vérité*: aula no Collège de France (1980-1981), 2014, p. 71. Tradução nossa.

²⁷ TOMÁS DE AQUINO. *Summa Theologiae*. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.

²⁸ *Ibid.*

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 1-16. ISSN: 1808-8031

sexual”²⁹, no qual o homem, ao olhar para o seu interior, pode verificar tudo o que está escondido sobre a forma de desejo por intermédio da confissão. É a partir dessa verificação interna que o indivíduo estará realizando o exame de si, afastando-se dos ataques dos prazeres e da vontade pecaminosa contida na carne.

A confissão, o exame da consciência, foi o modo de colocar a sexualidade no centro da existência. O sexo, nas sociedades cristãs, tornou-se algo *que era preciso examinar, vigiar, confessar e transformar em discurso*. Podia-se falar de sexualidade, mas somente para proibi-la. O esclarecimento, a “iluminação” da sexualidade se deu nos discursos e na realidade das instituições e das práticas. As proibições faziam parte de uma economia complexa³⁰.

Nessa lógica, e visto que a sexualidade agora é entendida como interiorizada, o homem que se examina e se confessa realiza o exame da verdade sobre si. Foi de fato o Cristianismo o responsável por promover e divulgar que no interior dos homens estão presentes os códigos morais de conduta, pois é ao redor da confissão que o discurso sobre a verdade se organiza. O interior do indivíduo torna-se o palco da sexualidade humana e, na prática da confissão, o corpo é objeto do exame constante da vigilância, em que o fiel, nesse modelo de pastoral da confissão, esteve submetido a três princípios. “O princípio da obediência sem fim, o princípio do exame incessante e o princípio do reconhecimento exaustivo das faltas. Um triângulo: é ouvir o outro, é olhar para si mesmo e é falar para o outro sobre si mesmo” (tradução nossa)³¹.

Foi a prática do monaquismo³², no Cristianismo dos primeiros séculos, a responsável por esse exame de si pautado na obediência a outrem. Proposto pela Instituição religiosa medieval, o exame de si foi um mecanismo que induziu no homem o ato de se examinar e, posteriormente, se confessar. A verdade sobre si, presente nesse regime de verdade não fora imposta pelo Cristianismo aos indivíduos, mas construída, paulatinamente, uma vez que esse homem se examina e pratica o ato de se confessar a outrem. “Assim, uma vez que os homens são preocupados com a sua salvação em outro mundo e também nesse, são

²⁹ FOUCAULT, Michel. *Segurança, território e política*: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 98.

³⁰ RIBEIRO, Moneda Oliveira. A sexualidade segundo Michel Foucault: uma contribuição para a enfermagem. *Revista Esc. Enfermagem da USP*, v. 33, n. 4, p. 359, dez. 1999.

³¹ Ver no original: “*le principe de l’obéissance sans fin, le principe de l’examen incessant et le principe de l’aveu exhaustif. Un triangle: écouter l’autre, se regarder soi-même, parler à l’autre de soi-même.*” FOUCAULT, Michel. *Du Gouvernement des Vivants*. Paris: Hautes Études, Ehes Gallimard Seuil, 2012. p. 284.

³² O termo refere-se, principalmente, à institucionalização das comunidades cenobíticas a partir da experiência dos Padres do Deserto no século IV e das prédicas do monge João Cassiano em “*De Coenobitus*” e “*Collationes*”. Prática que procura superar o pecado na forma de um asilo de vida penitencial. É um estado de vida pautado na prática da penitência, trilhando um percurso disciplinar. PINHEIRO, Rossana Alves Baptista. Relações de poder, monaquismo e autoridade episcopal na Provença durante o século V. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 20, n. 38, p. 19-42, 2013.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 1-16. ISSN: 1808-8031

mais fáceis de governar quando colocados em disposição à procura de um conhecimento de si jeito a essa condição”³³.

A proposta foucaultiana ao trabalhar com as relações de poder foi ver na penitência cristã e no modo de governabilidade cristão das almas, durante o medievo, o funcionamento do sentido além do *actus contritionis*, em que o penitente se sente culpado e movido a se confessar.

Nesse sentido, falar de regime de verdade no interior do cristianismo deve conduzir a uma reflexão que vá além de uma economia meramente dogmática da salvação. Não se trata apenas de verificar como um conjunto de pessoas aderiu ou não a um corpo dogmático, a um texto e a uma instituição. Trata-se também de verificar os atos de verdade em relação a uma fé, a uma profissão de fé a partir dos mecanismos e verificação produzidos pelo regime da penitência³⁴.

Temos nas confissões os modelos de rituais mais importantes de produção de verdade, embora não seja uma prática obrigatória até 1215, com o IV Concílio de Latrão. No cânon XXI, do Concílio em questão, fica explícito que o padre, assumindo a função de um médico, pode aplicar sobre o pecador um remédio, as chamadas penitências, no intuito do pecador ser perdoado com o apagamento do ato pecaminoso de seu corpo. Esse confessar é o reconhecimento por alguém dos atos e pensamentos pecaminosos, uma vez que o sexo foi um dos temas mais presentes nessas confissões, sendo o homem do Ocidente um animal confidente. Toda essa simbologia da necessidade de confissão funcionou legitimada pela simbologia³⁵ do Pecado Original de Adão e Eva, que inseriu o mal no mundo juntamente com as práticas pecaminosas (ST, I-II, q.81, a.1)³⁶. Foram os interdiscursos, religioso e cristão, os responsáveis por uma maior amplitude dessa assimilação entre o pecado e a carne.

Os pecados e as respectivas penitências no *Decretum* (1000-1025), de Burcardo de Worms (950-1025)

No curso da reforma e da restauração da estrutura eclesiástica e monástica do século XI, Burcardo de Worms escreveu uma das mais célebres obras entre os manuais para o

³³ CALÇADO, Thiago. *A carne se fez verbo: confissão cristã e sexualidade em Michel Foucault*. 2015. 183f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2015.

³⁴ *Ibid.*, p. 50.

³⁵ Os símbolos são acontecimentos, gestos ou atos que transmitem um significado. Influenciam no comportamento dos homens ao classificarem o mundo e introduzirem valores. Quando disputados, os símbolos são objetos que detêm o monopólio sobre algo, uma vez que justificam uma ordem social. GEERTZ, Clifford. *The interpretation of culture*. Nova York: Basic Books, 1973. Trad. português: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 179. Interessante notar que para Michel Pastoureau, os símbolos, ou melhor, o *Symbolon*, na cultura grega é “sempre ambíguo, polivalente, proteiforme (que muda frequentemente de forma); ele não pode ser resumido em qualquer fórmula.” PASTOUREAU, Michel. *Une histoire Symbolique du Moyen Âge Occidental*. Éditions du Seuil, Paris, 2004. p. 12.

³⁶ TOMÁS DE AQUINO. *Summa Theologiae*. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 1-16. ISSN: 1808-8031

tratamento do sacramento da penitência. A obra em questão é o *Decretum* (1000-1025), composta por 20 livros. Nessa obra, o bispo de Worms comenta os mais diversos assuntos, iniciando com a organização do culto e da Igreja e findando nas temáticas voltadas às questões do fim do mundo e do Juízo Final.

Visando “o trabalho disciplinar e institucional da Igreja”³⁷, o bispo de Worms enumera uma sequência de penitências a serem cumpridas de acordo com o pecado cometido, todas aplicadas e estipuladas no momento da confissão, tida aqui como individual e secreta. Essas penitências funcionariam como uma forma de remissão de certos pecados cometidos. Burcardo compreende a penitência como meio de correção das faltas praticadas contra a palavra ou mandamento divino, mas também como um remédio para a alma.

Essa penitência exerceria o papel da reconexão entre o cristão e o seu Deus, inserindo novamente o culposo na comunidade religiosa. Podemos realizar aqui uma assimilação entre o pastor da Igreja dos primeiros séculos com o padre, que escuta e guia os pecadores de volta ao seio da religião cristã.

O *Decretum*, obra entre os penitenciais de bastante difusão e aceitação, fora copiado e estudado durante os anos posteriores, sendo um livro de correção, de instrumentalização no momento da confissão, um verdadeiro compêndio acerca dos manuais de cura e dos cuidados pastorais. Não podemos classificá-lo como uma obra original, pois nele contém inúmeras referências aos penitenciais passados, porém é uma obra exemplar no ensino de clérigos no auxílio a outrem.

O Livro XIX da obra é o mais cabível ao nosso estudo, dado que Burcardo enumera uma série de correções aos pecados corporais como remédio para a alma, denominado de *Corrector sives Medicus*, em que o vício pecaminoso é considerado para o bispo de Worms como um hábito do gênero humano. Como mencionado, anteriormente, após o Pecado Original de Adão e Eva o homem se tornou propício ao ato pecaminoso.

Este livro é chamado de o *Corretor e Doutor*, porque ele contém plenamente correções para o corpo e remédios para a alma, e ele ensina a cada clérigo, até mesmo os simples, como pode vir a ajudar outrem: ordenado ou sem ordens, pobre, rico, garoto, jovem, senil, decrépito, saudável ou doente, de qualquer idade e de ambos os sexos. (*DECRETUM, LIVRO XIX*)³⁸.

³⁷ BRAGANÇA JUNIOR, Álvaro Alfredo; BIRRO, Renan Marques. O corrector Sive Medicus (ou Corrector Burchardi, ou ainda De Poenitentia, c. 1000-1025) De Burcardo de Worms (c. 995-1025): Apresentação e tradução dos capítulos 1-4, além das "instruções" de penitência 001 a 095. *Revista Signum*, v. 17, n.1, 2017, p. 270.

³⁸ BURCHARD DE WORMS. *Decretum*. In: *Patrologiae Cursus Completus: series latinae*. Ed. J.P. Migne, Paris: Granier, 1890, tomo 140.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 1-16. ISSN: 1808-8031

Logo na *Questão 42*, Livro XIX, Burcardo compreende o adultério como um pecado e que para ser remediado o indivíduo necessitará realizar a penitência por 80 dias (do ano), alimentando-se apenas a base de pão e água pelos próximos 14 anos, uma vez que cometido quando casado, entretanto, quando cometido em estado de solteirice (ao aposar da esposa de outrem), acarreta-se para o homem uma pena de 40 dias (durante o ano), de pão e água, durante 7 anos. Todas as penitências propostas por Burcardo devem ser cumpridas por X dias ao ano, durante Y anos.

No que tange a fornicação, Burcardo, na *Questão 44*, estimula que o sexo quando praticado sem consentimento da mulher gera ao homem uma pena de 10 dias de pão e água, seja essa mulher livre ou escrava. Todavia, os pecados cometidos dentro da instituição indissolúvel e monogâmica do casamento geram uma pena maior, que podia chegar a 40 dias de pão e água, de cada ano, durante 07 anos, sendo que o pecador escolheria um desses anos para fazer a penitência somente de pão e água. Percebe-se que os pecados cometidos em matrimônio acarretam uma pena maior, pois a Igreja defendia que os mais velhos deveriam dar o exemplo para os de menor idade.

45. Se tu abandonaste tua esposa, te casaste com outra e retornaste à primeira esposa, debes penitência de uma *carina* a pão e água pelos sete anos seguintes, pois está escrito: “Portanto, o que Deus uniu, o homem não deve separar”. Não é permitido devolver sua esposa, exceto em razão de fornicação, isto é, se ela perpetrou adultério com outro. (DECRETUM, LIVRO XIX, CAP 45)³⁹.

Nesse sentido, o abandono de uma esposa remete-se, em específico, à uma atitude contrária à Sagrada Escritura – *Mt 19, 6*, posto que o divórcio apenas é concedido em caso de adultério, entretanto, ambos devem permanecer afastados da atividade sexual. Do mesmo modo, a *Questão 48*, trabalha em prol dos pecados contra a virgindade. Quando o ato sexual é praticado com uma virgem, ao despossuí-la da virgindade, e mesmo assim casar-se com ela, a penitência é de um ano de pão e água, e para aqueles que a abandona, dois anos consumindo apenas esses mesmos alimentos.

As questões que circundam entre os números 53 e 58, abordam a temática sexual contrária ao discurso católico, como por exemplo, a atividade sexual quando praticada como fazem os animais, o coito anal, gera uma punição de 10 dias de pão e água. Quando realizado durante a menstruação da mulher, acarreta-se a mesma pena que o coito anal. Os números das penitências aumentam quando o sexo for realizado em datas especiais para a tradição cristã,

³⁹ BURCHARD DE WORMS. *Decretum*. In: *Patrologiae Cursus Completus: series latinae*. Ed. J.P. Migne, Paris: Granier, 1890, tomo 140.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 1-16. ISSN: 1808-8031

como na quaresma e no natal (40 dias de pão e água). O respeito perante à doutrina é esperado por parte dos membros da Igreja.

A atitude em relação ao sexo que ele expressava é típica da Igreja cristã como um todo. Pois a cristandade foi, desde o seu primórdio, uma religião negativa quanto ao sexo. Isso significa dizer que os pensadores cristãos encaravam o sexo, na melhor das hipóteses, como uma espécie de mal necessário, lamentavelmente indispensável para a reprodução humana, mas que perturbava a verdadeira vocação de uma pessoa – a busca pela perfeição espiritual, que é, por definição, não sexual e transcende a carne⁴⁰.

Por certo, o *Decretum* de Burcardo de Worms, mais do que auxiliar os clérigos na remissão dos pecados e na reinserção dos culposos à comunidade religiosa, completa os penitenciais existentes até o final do século XI, pois é considerado como um marco de interpretações das leis canônicas. Pautado na compreensão espiritual da Sagrada Escritura, não apenas na leitura literal, a obra em questão ainda fora usada como referências em sínodos, como um compêndio de fácil manuseio.

O cânon XXI do IV Concílio de Latrão provocou um espetacular desenvolvimento da literatura relativa ao pecado. Imagina-se com efeito que os vigários de paróquia - logo respaldados por religiosos das ordens mendicantes - foram tomados de verdadeiro pânico ante a perspectiva de ter de interrogar e julgar regularmente suas ovelhas no tribunal da penitência. Eles precisavam de livros para esclarecê-los e guiá-los nessa pesada tarefa. Por um lado, procurando lutar contra a rotina da confissão anual, os mais zelosos homens da Igreja e os mais preocupados em cristianizar as massas, procederam a uma culpabilização intensiva da opinião, insistindo sem descanso - e durante séculos - sobre as diferentes categorias de faltas e a gravidade ontológica do pecado⁴¹.

Os manuais de confissão ficaram mais famosos no século XII, porém foi no final da Baixa Idade Média (sécs. XIV-XVI), quando houve o apogeu do manuseio deles. Esses manuais funcionavam como suporte para o proceder dos padres no momento da prática da confissão, seja perante a escuta, seja na hora da aplicação das penitências aos pecadores. Tais manuais ainda são importantes, pois nos revelam quais pecados eram os mais praticados, dado que neles continham listas dos pecados confessados, dando-nos maior representação do imaginário⁴² do período.

⁴⁰ RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 34.

⁴¹ DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)*. Bauru: EDUSC, 2003, p. 375.

⁴² O conceito de *imaginário* é produtor de realidades e de hierarquizações de valores. Nessa acepção, o imaginário é um sistema que concede ordem à natureza, à sociedade e ao homem. Ver mais em: BACCEGA, Marcus. *O sacramento do Santo Graal: decifrando o imaginário medieval*. Curitiba: Editora Prismas, 2015. p. 284. SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo, os ritos, os sonhos o tempo: ensaios de antropologia medieval*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 36.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da sexualidade é uma história pautada no poder-incitação, no poder-saber, na medida em que o corpo e a verdade estão diretamente ligados pelos canais discursivos, não só religiosos. A sexualidade ocupou o lugar de verdade mais profunda com o advento do Cristianismo, passando a ser analisada sob a ótica da confissão e do exame de si na Idade Média Central. Mediante ao ato de se confessar, os indivíduos da sociedade cristã passaram a suspeitar dos desejos da carne e da concupiscência, ato que levou ao exame de si. Nesse sentido, esse novo olhar acerca da sexualidade promoveu uma vigilância constante e instituiu a prática da confissão pelo menos uma vez ao ano, assim como ficou estipulado no IV Concílio de Latrão do ano de 1215. O Cristianismo introduziu o reconhecimento da não autonomia sobre os desejos da carne, uma vez que é preciso obedecer e se confessar para outrem para que ocorra o exame de si.

No exame e cuidado de si, assim que praticado corretamente, o indivíduo poderá salvar sua alma com o cumprimento correto das penitências que eram destinadas pelos confessores no momento da confissão. Para melhor articulação da prática da confissão foram criados os manuais de confissão, entre eles o *Decretum* (1000-1025), de Burcardo de Worms, como forma de auxílio, um pedagogo, aos confessores no momento da aplicação das penas para cada pecado. De fato, a penitência cristã esteve vinculada a um regime religioso de conduta moral, que comportava o reconhecimento da prática pecaminosa juntamente com a verbalização dessa falta cometida. A penitência cristã consolidou um regime de verdade, que foi institucionalizado pela Igreja do Medieval. Percebe-se que esses regimes de verdade fortificam a submissão dos indivíduos perante uma doutrina religiosa ou um poder discursivo que continha efeitos de verdade sobre os homens. O poder que dispunha a Igreja tivera uma enorme abrangência, visto que não existiu a prática do ateísmo no Medieval. As heresias funcionaram como uma forma de contestação aos princípios religiosos e não em caráter de negação deles.

Visto que o exame de si passou por três momentos distintos, *expositivo casus*, *confessio* e *exomologese*, ainda no período tardo-antigo, temos como resultado na Idade Média um exame de si em que carne se transforma em verbo para que o desejo interior e individual possa ser externalizado no formato da confissão. O sexo, agora, é o instaurador da verdade última no indivíduo, uma vez que o homem se submete à uma prática do interdiscurso de efeito verdade.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 1-16. ISSN: 1808-8031

A história da sexualidade cristã esteve pautada em olhar como o desejo sexual fora encaixado no centro da vida do homem, como foi eleito e objetivado como o lugar de verdade sobre o sexo ao impor aos indivíduos determinadas práticas às quais o ato sexual poderia ser realizado. Temos nessas restrições a exemplificação do ato sexual somente para a reprodução, sem a satisfação dos desejos da carne pecadora e dentro da instituição monogâmica e indissolúvel do casamento.

Minha análise permanecia ainda prisioneira da concepção jurídica do poder. Era preciso que eu operasse uma inversão; eu supus que a ideia do sexo era interior ao dispositivo da sexualidade e que por consequência aquilo que devemos encontrar na raiz, não é o sexo recusado, é uma economia positiva dos corpos e do prazer⁴³.

Contrariando o senso comum de que a Idade Média foi um tempo de repressões e obscurantismo, o Cristianismo não é o responsável pelo início da repressão sexual. A ideia de contenção sexual provém da moral estoica em que a religião cristã se insere como responsável ao passo de divulgar e de ampliar esse ideal no imaginário da sociedade do Medievo. Para Michel Foucault, em *História da sexualidade: a vontade de saber*⁴⁴, a sociedade Ocidental estava pautada na forma de *scientia sexualis*, em que o desejo sobressai perante ao prazer. A prática da confissão, sobre o ato sexual, fez com que os indivíduos da sociedade Medieval expressassem os seus desejos por meio do pastorado cristão. Essa prática de confissão esteve associada à fé de cada indivíduo, embora não obrigatória é praticada apenas por uma minoria pertencente aos estamentos mais elevados.

O aparato discursivo promovido pela religião cristã, principalmente no período do século XIII, realizou não apenas uma modificação quanto a prática do ato sexual em geral, mas a “todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar, agora, e em detalhe, no jogo da confissão e da direção espiritual”.⁴⁵ A concupiscência, proveniente da carne pecadora e decaída pelo Pecado Original, propiciou a criação de discursos de efeitos de verdade que atravessaram todo o corpo social e sociedade Medieval. O que Michel Foucault procurou realizar não foi um estudo caracteristicamente repressivo diante ao sexo, mas sobre como se emergiu uma verdade sobre o ato sexual por meio dos discursos cristãos, em que o corpo e o desejo sexual estão interligados pela moral religiosa cristã.

⁴³ Ver no original: ““Mon analyse restait encore prisonnière de la conception juridique du pouvoir. Il a fallu que j’opère un renversement; j’ai supposé que l’idée de sexe était intérieure au dispositif de la sexualité et que par conséquent ce qu’on doit retrouver à sa racine, ce n’est pas le sexe refusé, c’est une économie positive des corps et du plaisir.” FOUCAULT, M. *Des caresses d’hommes considérées comme un art: Dits et Écrits*, IV. Paris: Gallimard, 1994. p. 234. Tradução nossa.

⁴⁴ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade do saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p. 66.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 21.

Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 1-16. ISSN: 1808-8031

Nessa breve explicação, analisamos como os discursos religiosos enquadram-se no conceito de uma cultura estabelecida⁴⁶ em contradição à cultura dos *Outsiders*⁴⁷. Nesse sentido, esses discursos, como discursos propagados pelos membros da cultura erudita, os *Estabelecidos*, foram discursos que, transmitidos e defendidos de tempos em tempos, desde os Padres da Igreja até Tomás de Aquino, adquiriram uma hegemonia e legitimidade no Credo cristão durante o período do Medieval. Envoltos por mecanismos de poder e aparatos simbólicos tais discursos emanaram representações ideais referentes aos temas mais distintos, tais como o corpo, principalmente o corpo feminino, e diante das práticas permitidas quanto ao uso dele.

⁴⁶ Defendido por Norbert Elias em sua obra *Estabelecidos e Outsiders* (1965), tal conceito refere-se àqueles grupos de indivíduos que se encontram no poder anteriormente a chegada de novos membros à comunidade da qual fazem parte.

⁴⁷ Ainda em Norbert Elias (1965), tal conceito refere-se ao grupo de indivíduos excluídos do poder e da sociedade por uma parcela dominante. Referente à Idade Média, os *Outsiders* serão aqueles indivíduos considerados contrários à moral cristã e praticantes de atos pecaminosos, uma vez que tal grupo será necessário para a manutenção da ordem social medieval pois, se estigmatizados como culpados, são alteridade da conduta correta de vida.